

DISCURSO BIOGRÁFICO DE (RE)EXISTÊNCIA NEGRA NA POÉTICA SONORA E IMAGÉTICA DE “A MULHER DO FIM DO MUNDO”, DE ELZA SOARES

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

li_castelo@hotmail.com

Gabriela da Conceição Silva (UEMASUL)

gabizinhaconceicao21@hotmail.com

RESUMO

Elza Soares é uma mulher show, que se destaca no cenário artístico brasileiro e mundial, considerada pela BBC de Londres a cantora do milênio, prêmio recebido em 1999. Sobrevivente da fome, do racismo, da violência doméstica, Elza (re)existe e faz de sua arte uma bandeira de luta. E nesse artigo tomamos como *corpus* de estudo a poesia sonora “A mulher do fim do mundo” e seu respectivo videoclipe, no intuito de investigar as marcas da biografia de Elza nessa obra, assim como identificar os temas referentes à ancestralidade afro-brasileira nessas obras. Para isso, lançamos mão da análise do discurso (ORLANDI, 2007; 2012; PÊCHEAUX, 1990) e dos estudos semióticos de Peirce (1990), em uma pesquisa descritiva e exploratória. Esse empreendimento investigativo nos levou a perceber que tanto as imagens do videoclipe, como a letra da música e a própria interpretação de Elza, são notoriamente discursos que falam da biografia da cantora, mas não só dela, “A mulher do fim do mundo” é um grito sonoro da mulher negra brasileira, que cansada das opressões clama por voz e vez. Elza com sua voz, visibiliza as lutas e ecoa os gritos de tantas outras mulheres que viveram/vivem histórias como a dela: de resistência.

Palavras-chave:

Elza Soares. Análise do discurso. “A mulher do fim do mundo”.

ABSTRACT

Elza Soares is a show woman, who stands out in the Brazilian and worldwide artistic scene, considered by the London BBC as a singer of the millennium, an award received in 1999. Survivor of hunger, racism, domestic violence, Elza (re) exists and does of his art a flag of struggle. And in this article, we take the poetry of “The woman at the end of the world” and its respective music video as a body of study, in order to investigate the marks of Elza’s biography in this work, as well as to identify themes related to Afro-Brazilian ancestry in these works. For that, we used the analysis of the discourse (ORLANDI, 2007; 2012; PÊCHEAUX, 1990) and the semiotic studies of Peirce (1990), in a descriptive and exploratory research. This investigative endeavor led us to realize that both the images in the video clip, as well as the lyrics of the song and Elza’s own interpretation, are notoriously speeches that speak of the singer’s biography, but not only of her, “The woman at the end of the world” is a loud cry from the black brazilian woman, who, tired of oppression, cries out for voice and time. Elza with her voice, makes the struggles visible and echoes the screams of so many other women who have lived / live stories like hers: of resistance.

Keywords:

Elza Soares. Speech analysis. The woman at the end of the world.

1. Introdução

O Brasil apresenta uma considerável riqueza cultural, resultante da diversidade étnica presente na sua formação como nação. Sendo que além dos originários povos indígenas, vieram inicialmente, para essa terra, os europeus colonizadores e africanos de diversos países da África, traficados para nosso país em uma situação atroz de escravização. Isso fez com que coexistissem aqui culturas singulares, resultantes da miscigenação de diferentes grupos étnicos. “Essa composição cultural tem se caracterizado por plasticidade e permeabilidade, incorporando em seu cotidiano a criação e recriação das culturas de todos esses povos” (BRASIL, 1997, p. 24).

E nesse cenário de miscigenação étnica, nem todos os povos foram respeitados e tiveram condições de igualdade social e econômica, assim, para os europeus, couberam a dominação e a hegemonia e para negros e indígenas a exploração, a violência e o genocídio. O que pode ser percebido pela classificação racial no Brasil e os estereótipos ligados a ela. Logo, para o “branco” têm-se a supremacia e aos negros e indígenas resta a exclusão e a ligação com elementos negativos e inferiorizantes (GUIMARÃES, 1999).

Contudo, ao passo que houve opressão, houve resistência. E a arte tem servido também para esse fim. Nesse contexto, este trabalho delimita seu foco de estudo para a resistência na poética sonora de uma mulher negra: Elza Soares, ícone da música e das muitas formas de resistir em uma sociedade machista, excludente e preconceituosa como a brasileira.

Elza, de origem pobre, considerada transgressora, a frente de seu tempo, é um exemplo de empoderamento feminino em sua história pessoal e na carreira artística. Pois, “antes de se tornar, portanto, a “cantora do milênio”, como viria a ser reconhecida pela BBC, ela precisou sobreviver – e sua música, feliz ou triste, parece soar sempre como o canto de tal sobrevivência” (PAIVA, 2018). Usando sua voz a favor da igualdade etnicorracial e de gênero, seu canto é um protesto pela liberdade e valorização das minorias.

Dessa forma, para ilustrar a forma como a resistência pode ser percebida na poética sonora de Elza Soares, este trabalho toma como

objeto de estudo, a canção: *A Mulher do Fim do Mundo*, e seu respectivo videoclipe, que tem chamado bastante atenção pela qualidade que ele foi produzido.

Portanto, esta pesquisa adota a metodologia da pesquisa exploratória e descritiva, que aborda quatro aspectos: “descrição, registro, análise e interpretação dos fenômenos” (MARCONI; LAKATOS, 2015, p. 6). E para a análise e interpretação a abordagem escolhida foi a qualitativa, tendo em vista a temática em foco e sua relação com o contexto sociocultural.

Lançamos mão também da análise do discurso (ORLANDI, 2007; 2012; PÉCHEAUX, 1990) e dos estudos intersemióticos (PEIRCE, 1990) para investigar o que se pode apontar como elementos biográficos presentes no discurso lítero-musical de Elza Soares, na obra em questão, e como as imagens do videoclipe reforçam a mensagem proposta pela cantora. Levando em consideração a figura de Elza como representante do empoderamento feminino e da resistência por meio da arte.

Nesse sentido, acreditamos que “A mulher do fim do mundo” apresenta-se como um *corpus* de estudo de grande relevância, e que pode ser analisado por diferentes prismas, entre eles o diálogo do texto literário com o engajamento político e social.

2. *Elza: uma cantora de muitas vozes*

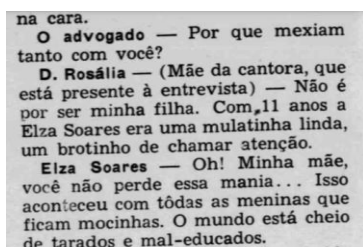
Elza da Conceição Soares, nasceu em 23 de junho de 1930, no subúrbio do Rio de Janeiro (em uma favela onde hoje está situada Vila Vintém). A menina, sem infância, casou precocemente aos 12 anos, aos 15 a morte já lhe visitara e levava embora dois de seus filhos, que como ela eram do planeta fome. De onde ela disse que pertencia em um programa de calouros a Ary Barroso, ao questioná-la devido aos trajes nada adequados e à sua aparência franzina. No entanto, surpreendeu a todos, em especial ao Sr. Ary de quem ouviu, após a sua apresentação: “Senhoras e senhores, neste exato momento nasce uma estrela” (CAMARGO, 2018, p. 73).

“Estrela que deu ao samba uma série de vocalismos de jazz e se tornou pioneira na abertura de espaço para a mulher negra no cenário musical brasileiro” (SOLIDADE, 2017, p. 21). Cujas carreiras passaram por momentos de aclamação e momentos de dificuldades, que a fizeram pensar em desistir da música. Sua vida e sua arte estão nos jornais e re-

vistas, nos quais se pode ler notícias como: “A cantora do milênio é mulher negra, brasileira e feminista” (ARIA, 2015). Elementos que dão o tom à sua personalidade e a torna uma importante representante do empoderamento feminino.

Atitudes que Elza já tomava desde muito jovem, pois ela se posicionava e defendia outras mulheres como a si mesma. Assim, como não permitia que se culpasse as vítimas de violências e assédio. O que pode ser visto em um trecho da revista semanal Intervalo, em edição de agosto de 1963.

Figura 1: Trecho de entrevista de Elza Soares à Revista Intervalo.



na cara.
O advogado — Por que mexiam tanto com você?
D. Rosália — (Mãe da cantora, que está presente à entrevista) — Não é por ser minha filha. Com, 11 anos a Elza Soares era uma mulatinha linda, um brotinho de chamar atenção.
Elza Soares — Oh! Minha mãe, você não perde essa mania... Isso aconteceu com todas as meninas que ficam mocinhas. O mundo está cheio de tarados e mal-educados.

Fonte: Revista Intervalo (SOARES, 1963a, p. 6).

E como nesse trecho, já na década de 1960, Elza prossegue sua vida, em uma trajetória marcada por muitas dificuldades, no entanto também muitas glórias e reconhecimentos, o que a fez um ícone do poder de (re)existência e empoderamento, que ela busca para si, mas também para outros representantes das minorias, dos quais Elza se coloca como porta-voz, como se pode perceber em “A mulher do fim do mundo”, álbum lançado em 2015, 34º de sua carreira e o primeiro que apresenta todas as faixas com músicas inéditas. Disco que ganhou diversos prêmios, entre eles, o Grammy Latino de 2016, na categoria Melhor Álbum de Música Popular Brasileira.

Nesse álbum, Elza fala de racismo, violência doméstica, desigualdades sociais e econômicas, entre outros temas tão importantes como necessários. Vale dizer, que esse trabalho, surge depois de um longo período em que Elza se afastou dos holofotes do cenário artístico, por isso é considerado um verdadeiro renascimento da cantora. Preparado pelo produtor paulista Guilherme Kastrup, é o encontro de Elza com o grupo de músicos que buscavam inovar com o samba. O disco traz uma Elza resistente e renovada, que honra o verso “me deixem cantar até o fim”, da faixa de abertura. E sobre esse projeto, Elza afirma que aceitou

desde o início, mas que não tinha a dimensão da grandiosidade desse trabalho.

Ficamos com isso em mente, de fazer um trabalho que fosse o encontro da estética deste grupo com a dela, um encontro de intenções e de estéticas do samba mais subversivo, como ela mesma diz. Senti que havia uma conexão muito forte ali. A ideia inicial era fazer um disco de releituras de samba, mas com o tempo surgiu a sugestão de fazer um trabalho de inéditas. Pensei: Será que ela vai topa, a essa altura da vida, ter que aprender músicas novas? Fui falar com ela e ela disse: Bora? Porque a Elza é assim, está sempre acelerando a gente nas ideias mais loucas. Quanto mais louco, mais ela gosta. (KATRUP, 2017, s/p)

Topou o projeto e imprimiu a ele sua cara e sua principal digital: a voz rouca de uma mulher de muitos discursos e causas, uma cantora de muitas vozes, que buscam ecos pela igualdade e respeito. E como assinala Katrup (2017), produtor do disco, nesse projeto há uma sinergia entre a cantora e o grupo de compositores que a apresentaram letras com um discurso muito direto de “Empoderamento feminino, empoderamento negro, empoderamento LGBT”, que foram acolhidas por ela, a menina briguenta que jogava pedras para se defender, nesse álbum “compra uma briga social e é uma voz muito poderosa nisso”. Até porque Elza acredita que é preciso denunciar: “Este é o papel de todo artista, quando tenho o microfone, eu tenho o poder de gritar, denunciar, naquele breve momento eu tenho o poder...”, como afirmou em entrevista concedida a Emanuel Diniz (SOARES, 2016).

Desse álbum tão poderoso e bem recebido pela crítica, que entrelaça o poético ao politizado, escolhemos a música homônima para análise deste estudo, apresentada no próximo item. Na qual buscamos relacionar trechos da música e cenas do videoclipe com a própria história de Elza, apresentada na sua biografia escrita por Zeca Camargo e em entrevistas, que a cantora concedeu ao longo da vida.

3. “A mulher do fim do mundo”: uma biografia de protesto e poesia

Como já dito, Elza Soares é sinônimo de (re)existência quer seja pela sua trajetória pessoal, quer pela artística. E “A mulher do fim do mundo” é mais uma prova da força dessa mulher que se reinventa e ressurge cada vez melhor, prova disso são os muitos prêmios que este trabalho recebeu. E para iniciarmos a análise dos dois objetos de nossa investigação: a letra e a imagem, é necessário antes dizer que Elza é a própria “mulher do fim do mundo”, que aos 85 anos, na época do lançamento do

disco, enfrentando muitos problemas de saúde, ela declarou que mesmo no fim dos tempos, ela não deixará de lutar.

Por isso, “A mulher do Fim do Mundo”, tanto o álbum como a música e o videoclipe, representam essa Elza: a que ecoa vozes e não se abate, segue firme, endossando as causas que acredita e enfrentando lutas que julga necessárias, como ela mesma assinala: “Meu trabalho eu levanto a bandeira a favor da mulher, o negro, o gay, luto contra a homofobia” (SOARES, 2016, s/p).

Pois mesmo antes de sua ascensão na carreira artística, Elza já se mostrava como uma mulher disposta a derrubar as barreiras sociais impostas pela sociedade. Famosa pela voz rouca, Elza afirma: “Eu acho que a mulher do fim do mundo é aquela que busca, é aquela que grita, que reivindica, que sempre fica de pé. No fim, eu sou essa mulher” (SOARES, 2016, s/p).

“A Mulher do Fim do Mundo” é uma música de 2015, composta por Romulo Fróes e Alice Coutinho, canção que ao som de violinos anuncia o apocalipse nas avenidas do carnaval. Já o videoclipe, produzido em formato de cinema, rodado todo em plano fechado, foi dirigido cineasta Paula Gaitán, e dividem a tela com a cantora o ator Rene Castillo e Daniel Passi, e as atrizes Grace Passô e Mafalda Pequenino.

Fato que deve ser ressaltado é que além do álbum ser o primeiro todo com obras inéditas, o clipe também é o primeiro na carreira de Elza gravado com técnicas de cinema. Em um jogo de cores e luzes, a ideia era materializar os sentimentos do que seria o fim do mundo para Elza, que aparece como uma fênix trazendo um universo que deverá ser renovado, explicou Pedro Loureiro, diretor de Marketing e Planejamento Estratégico da cantora, em entrevista a Emanuel Diniz (SOARES, 2017a). Outro ponto importante a ser ressaltado é que

A roupagem e as temáticas do novo trabalho conseguiram renovação expressiva do público de Elza. “Trouxemos um público mais jovem, atenta, que está nas ruas e vai aos shows. A média de público, que era mais velha, passou para 16 a 45 anos”, detalha Pedro (SOARES, 2017a, s/p)

Assim, Elza chega marcada pelas dores do passado, mas com uma força que vai ao encontro dos anseios de uma juventude que clama por dias de mais igualdade. Isso porque como ela diz: “Boto o passado todo num cantinho, guardadinho em mim, mas sabendo que o now está aqui. Ontem já foi, amanhã não sei. Então, tem que ser agora” (SOARES, 2015b, s/p).

Compartilhando suas feridas e lamentos em um samba denso, ela inicia seu canto fazendo alusão ao carnaval, que de forma paradoxal podemos fazer a leitura que representa as alegrias e as tristezas causadas pela aceitação e a crítica do público.

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é. (SOARES, 2015c)

Se o samba lhe trouxe fama e como ela alegrias, também a expôs em sua vida pessoal, até porque também se envolveu com o famoso jogador de futebol Manoel Garrincha. E por isso, Elza conviveu com a crítica negativa em muitos momentos, em especial, na época de seu casamento com ele, como ela menciona em uma entrevista que concedeu à revista Intervalo.

Agora que eu quero ser mulher, estou achando muito difícil. Não sei, mas tudo que faço parece dar certo, porque ouço muitas censuras da parte deste [sic] imenso público querido que me transformou em cantora internacional. E eu adoro o meu público. E vivo dêle [sic] e para êle [sic]. Mas também preciso viver para mim, para esse amor tão grande que encontrei (SOARES, 1963c, p. 54).

Críticas também mencionadas por Camargo (2018, p. 149): “Nas ruas, na imprensa – e até mesmo nos seus shows –, o que ela mais ouvia eram as críticas, na linha “esta mulher está acabando com a família brasileira”. Assim, Elza soube muito bem como era desfilhar em uma avenida da fama e da crítica ao mesmo tempo. Dessa forma, nesses versos iniciais se pode perceber essa relação da cantora com a fama e suas consequências.

Para além de sua biografia pessoal, mas mantendo a análise sobre a história do povo negro brasileiro, Coração e Souza (2019), ao apresentarem suas interpretações sobre a primeira estrofe da canção, afirmam:

A multidão que avança sobre o eu lírico parece pouco se importar, [...] tal como o racismo brasileiro parece agir, o vendaval na avenida segue empurrando os carros alegóricos da “miscigenação harmônica”, com vistas no fim de um trajeto que culminaria no desenvolvimento de um país possível apesar da diversidade racial. (CORAÇÃO; SOUZA, 2019, p. 104)

E esse comprometimento de Elza com as causas do povo negro, é uma constante, porque ela desde sempre o enfrentou, mesmo quando ainda não tinha consciência de fato sobre o que era racismo, “fosse num emprego por necessidade, fosse num por gosto, o que ela encontrava era dificuldade e preconceito” (CAMARGO, 2018, p. 136).

Já o videoclipe inicia com Elza em foco, é ela a voz e a representação dessa narrativa apocalíptica.

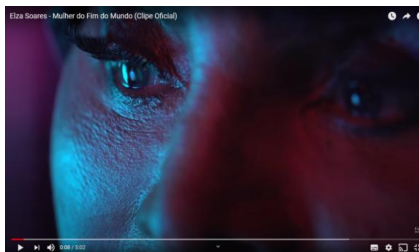
Figura 2: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: Youtube (SOARES, 2017b).

Na primeira imagem, chama atenção o anel grande usado por Elza, é um de seus acessórios favoritos e marcam sua trajetória artística, já desde o início de tudo, em sua apresentação no programa de Ary Barroso, como menciona Camargo (2018, p. 71): “E aquela adolescente com roupa esquisita, com um anel exagerado no mindinho esquerdo, que só aparecia porque ela ainda não sabia o que fazer com a mão num palco”, no entanto a caloura se tornou uma artista ímpar que aprendeu o que fazer com as mãos e com todo o corpo, sendo considerada uma *performancer* de grande nível, apesar dos obstáculos, das dores e tristezas vividas por ela. Sentimentos que marcam as imagens iniciais do videoclipe, como se pode ver na Figura 3, quando Elza levanta os olhos e fita o horizonte.

Figura 3: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: Youtube (SOARES, 2017b).

Tristeza que pode ser também percebida na Figura 4, na qual Grace Passô aparece de olhos fechados e o rosto da atriz não denota alegria.

Figura 4: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: *Youtube* (SOARES, 2017b).

Na sequência, tem-se as mãos sobrepostas, como se estivessem atadas e um detalhe chama atenção em nossa leitura: o esmalte das unhas está descascando. Relacionando isso com a vida de Elza, esse elemento é típico das mulheres que executam trabalhos domésticos, como aqueles que Elza e a mãe executavam: Lavar roupas e outros trabalhos domésticos como faxina e cuidados com as louças. Atividades que executavam para auxiliar no sustento da família.

Figura 5: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: *Youtube* (SOARES, 2017b).

A Figura 5, ao exibir as unhas com esmalte descascando também pode ser associada à realidade das desigualdades econômicas que assolam a maioria das mulheres negras. E como assinala Videira (2018, p. 53): “As experiências de vida de Elza, assim como da maioria da população negra no geral, desmistificavam a ideia de uma harmonia entre as raças”. Sendo as mulheres negras as que sofrem e lutam por espaço e contra o preconceito racial.

Figura 6: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: *Youtube* (SOARES, 2017b).

No verso “É lágrima de samba na ponta dos pés”, podemos correlacionar com a forma com que o trabalho com a música, em particular o samba, foi ao mesmo tempo acalanto e motivos de dores, frente às muitas dificuldades que teve que enfrentar para ser uma artista reconhecida (CAMARGO, 2018). Logo, o trabalho sempre foi seu consolo, em especial nesse álbum e na interpretação de A mulher do fim do mundo, como ela desabafa no seguinte trecho:

Esse disco veio me fazer um acalanto, porque eu estava caída por causa do meu filho. Foi uma maneira de gritar, botar para fora os sentimentos – revela Elza, emocionando-se ao falar da morte do filho Gilson Soares, 59 anos, no fim de julho. (SOARES, 2015a, s/p)

Figura 7: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: Youtube (SOARES, 2017b).

E a música foi o passaporte de Elza, tanto para o sucesso, como para a visibilidade internacional de uma voz que se ressaltava e era diferente de tudo o que antes se tinha visto. Sobre a ascensão de Elza no cenário internacional, Camargo (2018, p. 89-90) assinala:

Quando Elza Soares chega em Buenos Aires, é por conta justamente de uma febre de samba. [...] E quando Elza chega com o espetáculo de Mercedes Baptista à capital argentina, como uma das cantoras principais daquele show tipo “samba exportação”, o público portenho já estava pronto para recebê-la de braços abertos. (CAMARGO, 2018, p. 89-90)

Nesse cenário, Elza, assim como outras mulheres negras, destacou-se e ganhou fama cantando samba, gênero que está ligado em sua gênese ao mundo feminino, como explica Werneck (2007):

Assinale-se que a função de “puxador” de cantigas não era até a metade do século XX uma função masculina. Ao contrário, verificava-se ser esta uma atribuição exclusivamente feminina, através da função de Iyá Tebe-xê. (WERNECK, 2007, p. 161-2)

Assim como o samba, que também tem influência das religiões de matriz africana, percebe-se no videoclipe outra marca dessa ancestralidade africana que Elza quer ressaltar: a máscara utilizada pelo ator em cena.

Figura 8: Trecho do videoclipe *A mulher do fim do mundo*.



Fonte: *Youtube* (SOARES, 2017b).

Como ressalta Camargo (2018, p. 22), Elza sempre foi uma mulher de muita fé, com as memórias impregnadas de vivências religiosas que lhe trazem lembranças sinestésicas.

A religião sempre esteve na família de Elza, sobretudo no espiritismo de seu pai, seu Avelino. Sua lembrança mais forte de fé nessa época eram as ladainhas puxadas dentro de sua casa, por um homem alto, que atendia pelo nome de João Magro. [...] dessas ladainhas ela não tem nenhum registro sonoro – só olfativo: o cheiro de broa de milho, uma das especialidades da sua mãe, que saía quentinha do forno depois da reza. (CAMARGO, 2018, p. 22)

E em entrevista a Pedro Henrique Miranda, Elza destaca que a educação é o caminho de excelência para a valorização e o respeito com a cultura negra, nas mais diversas expressividades, entre elas a religião.

Está na hora de fazer diferente, não podemos deixar morrer a cultura, deixar morrer o nosso desejo de aprender. Temos de lutar pelas nossas crianças e escolas públicas. Hoje no Brasil os professores são caçados como ninguém, é vergonhoso. Eu quero ter uma escola com o nome de Elza, sem cor e com todas as cores. E o problema da religião é o rico perseguir o pobre, usar deus como barreira para impedir o seu avanço. A minha religião é o respeito, isso é soberano. (SOARES, 2019, s/p)

Seguindo na análise da letra da canção, a estrofe a seguir faz menção a um mundo de fantasias, que em nossa leitura relacionamos com uma vida inteira enfrentando o assédio e as críticas que sofreu, em particular, por se envolver com Manoel Garrincha: o anjo negro aclamado pela/os suas/seus fãs, perde as asas, ganha críticas.

Pirata e Super-Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor. (SOARES, 2015c)

Sobre ceder aos assédios, aos “peixes amarelos” que beijaram suas mãos, Elza indaga:

Qual a mulher que vendo seus filhos à mingua não sairia à rua para procurar alimentos? E qual homem que alimenta tantas bocas [sic] sem tirar um partido da situação? Ainda mais ali, no meio daquela gente que tanto me cobçava. Por mais digna que eu fosse não poderia evitar a desgraça que me aconteceu. Não faltou o português da venda a me prestar ajuda, “pensando nas crianças”... Não faltaram outros “filantropos”... Não é assim que se chamam as pessoas que ajudam?

O advogado: - Sim, mas que prestam ajuda desinteressada.

Elza: Então, não é filantropo que eu quero falar! É canalha! Isso mesmo! (SOARES, 1963c, p. 55)

E ela segue se explicando e dizendo que o coração de mãe falou mais alto do que todos os preconceitos de moral da época, por isso ela se absolve dessa culpa, porque não era uma qualquer, era apenas uma mãe que sofria vendo os filhos passarem fome e miséria, como acontece com tantas outras mulheres economicamente desfavorecidas e assoladas pela miséria. Dessa forma, na “chuva de confetes” ela deixa a sua dor. E que não são poucas. Como o Carnaval que acaba, ela também deixa lá, para acabar com ele essas dores, num verso que incita uma leitura de um sentimento de libertação e em fim uma catarse.

Ao analisar a obra de Elza Soares, Lopes (2018, p. 41) afirma que “(...) a sua arte nesse cenário pujante e transformador da música popular brasileira. Esse movimento transformador é, sem dúvida, um olhar profundo para a relação música e sociedade”. O que ressoa na letra, na voz e nas imagens desse trabalho de Elza Soares incitam a repensar as máscaras sociais que querem esconder a dor, a opressão, as desigualdades sociais e a hipocrisia, típicas do sujeito dito contemporâneo e, mesmo, moderno.

Na avenida deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livre
Do resto dessa vida,
Na avenida, dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar (SOARES, 2015c)

O carnaval, folia conhecida por todo o povo brasileiro, simboliza uma época do ano em que alguns dos problemas sociais, preconceito, discriminação são colocados em “pausa”. Juntos, todos caem na avenida,

independentemente das injustiças que ocupam os restantes dias do ano. E nas cenas do clipe vem mostrar novamente essa mulher negra, que sofre e chora, pelos processos de silenciamento que passou, demonstrando que ela não esquece o que sofreu no decorrer de sua vida, mas que buscou deixar para trás as suas amarguras.

Ainda, na avenida, Elza não está mais sozinha, esquece o isolamento e a dor, se junta à multidão e celebra. Assumindo todas as derrotas que sofreu, sublinha que conseguiu suportar e passar todas as dificuldades. Ela “[...] esqueceu o lado cruel da vida e canta, freneticamente, dolorosamente, a fim de não enlouquecer” (LOUZEIRO, 1997, p. 64-65). No final, o que resta a ela, é ser forte, a mulher do fim do mundo que assiste ao desastre, sobrevive e resiste.

Eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Até o fim eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim
Eu sou mulher do fim do mundo
Eu vou cantar, me deixem cantar até o fim

Elza Soares faz o último pedido e apelo no desfecho da canção, utilizando o tão famoso arranhado das notas como se fosse sua explosão final. Os derradeiros versos repetem a ideia de que esta mulher quer e vai cantar “até o fim”, marcando o seu cansaço, mas também a sua teimosia, a sua resiliência em continuar transformando dor em alegria até a vida terminar.

Elza Soares é dura na queda. É mulher sobrevivente de um mundo onde a tristeza não tem fim [...] A mulher do fim do mundo representa mais uma lágrima negra que escorre sobre a pele escura desta resistente habitante do planeta fome. (FERREIRA, 2015).

As lágrimas choradas por Elza refletem a experiência de uma mulher que tem uma força praticamente inabalável, com uma vontade incansável de cantar até que o último facho de luz a nos iluminar se apague de vez.

Figura 9: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: Youtube (SOARES, 2017b).

Figura 10: Trecho do videoclipe “A mulher do fim do mundo”.



Fonte: Youtube (SOARES, 2017b).

Nessas últimas cenas do clipe, expressa a real intenção de Elza, que é ser a representação e a voz dessa minoria marginalizada, da mulher, pobre, negra e excluída.

Devemos avaliar a contribuição da performance de Elza Soares no contexto da música popular brasileira. [...] Tratando-se ainda de uma performance que parte do corpo negro, tão violentado e tão estigmatizado ao longo do tempo. [...] a presença do corpo feminino e negro de Elza funcionou como um dispositivo político para galgar espaço na mídia. (SOUZA, 2018, p. 15-16)

A própria Elza Soares já aguentou muitos preconceitos e teve que lutar a cada passo do caminho por seu espaço e reconhecimento. Elza é sinônimo de determinação, força e resistência feminina. Portanto, em meio a todo caos, “A mulher do fim do mundo” dança por entre os destroços e continua de pé, cantando até ao último momento.

4. Considerações finais

Diante de toda a trajetória pessoal e artística de Elza Soares, é notória a importância de sua (re)existência como mulher negra e empoderada, que sofreu diversos preconceitos e teve que lutar a cada passo do caminho, sendo sinônimo de força e empoderamento feminino, criticando abertamente o machismo, racismo e incentivando a denúncia da violência contra a mulher através de sua arte. Assim, em meio a todo o caos, a “Mulher do Fim do Mundo” dança por entre os destroços e continua de pé, cantando até ao último momento.

Dessa forma, por tudo que já vivenciou, ela é uma cantora que tem licença para cantar, gritar e endossar discussões sobre as desigualdades sociais e sobre as muitas exclusões que as minorias vivenciam cotidianamente em nosso país, fortalecendo com seu discurso a luta dos marginalizados. Assim, ao ser representatividade e dialogar com o público

sôfrego por mensagens como essa, em que arte da mais alta qualidade, aclamada pela crítica nacional e internacional, vai ao encontro da realidade e das lutas de classes e gênero, Elza apresenta-se como uma mulher e cantora que tem o poder de alertar, de “brigar” pelas/pelos excluídos do mundo. E ela quer lutar até fim, enquanto tiver a sua voz, como ela mesma afirma e suplica na canção que dá nome a esse trabalho: “Eu vou cantar, eu vou cantar. Me deixem cantar até o fim”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIA, Rita. A cantora do milênio é mulher, negra, brasileira e feminista: Elza Soares. *Revista Capitolina*. Publicada em 13 de dezembro de 2015. Disponível em <http://www.revistacapitolina.com.br/a-cantora-do-milenio-e-mulher-negra-brasileira-e-feminista-elza-soares/>. Acesso em: mar. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 27 mar. 2020.

CAMARGO, Zeca. *Elza*. Lisboa: Leya, 2018.

CORAÇÃO, Cláudio Rodrigues; SOUZA, Francielle. Da tensão ao sublime: potencialidades estéticas da canção mulher do fim do mundo, de Elza Soares. *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 94-113, jan./jun. 2019.

FERREIRA, Mauro. “A mulher do fim do mundo” é a lágrima de Elza no esquema do samba “noise”. Publicada em 13 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.blognotasmusicais.com.br/2015/10/a-mulher-do-fim-do-mundo-e-lagrima-de.html> Acesso em 27 mar. 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Racismo e Antirracismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 34. 1999.

KATRUP, Guilherme. “Toda repressão gera uma reação”. Entrevista concedida a Andrei Andrade. *CLICRBS*. Publicada em 24 de julho de 2017. Disponível em [pressao-gera-uma-reacao-afirma-guilhermekastrup-que-ministrou-oficina-de-producao-musical-em-caxias-9851473.html](http://www.pressao-gera-uma-reacao-afirma-guilhermekastrup-que-ministrou-oficina-de-producao-musical-em-caxias-9851473.html). Acesso em 27 mar. 2020.

LOPES, João Carlos. *Elza Soares: vida e obra sob o olhar da fonoaudiologia*. 124f. 2018. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.

LOUZEIRO, José. *Elza Soares: cantando para não enlouquecer*. São Paulo: Globo, 1997.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos da metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

PAIVA, Vitor. Elza Soares, Ícone de Luta do Feminismo Negro. *Reverb*. Publicada em 26 de agosto de 2018. Disponível em <https://reverb.com.br/artigo/elza-soares-icone-de-luta-do-feminismo-negro>. Acesso em 13 mar. 2020.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: Gadet, F.; Hak, T. (Org). *Por uma análise automática do discurso*. 1 ed. Campinas: Unicamp, 1990.

SOARES, Elza. Elza Soares: Esta é a minha história. [Gravação realizada no escritório dos advogados da cantora (Dr. Rubens Marçal e Dr. Lutigardes Cardoso de Castro). *Revista Intervalo*. Ano I. n. 31. 11 a 17 de agosto de 1963a. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/109835/per109835_1963_00031.pdf Acesso em: mar. 2020.

_____. Elza Soares: Esta é a minha história. [Gravação realizada no escritório dos advogados da cantora (Dr. Rubens Marçal e Dr. Lutigardes Cardoso de Castro). *Revista Intervalo*. Ano I. n. 32. 18 a 24 de agosto de 1963b. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/109835/per109835_1963_00032.pdf. Acesso em: mar. 2020.

_____. Elza Soares: Esta é a minha história. [Gravação realizada no escritório dos advogados da cantora (Dr. Rubens Marçal e Dr. Lutigardes Cardoso de Castro). *Revista Intervalo*. Ano I. n. 33. 25 a 31 de agosto de 1963c. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/109835/per109835_1963_00033.pdf. Acesso em: mar. 2020.

_____. Elza Soares: a voz do fim do mundo. Entrevista concedida a Roger Lerina. *RBS*. Publicada em 22 de outubro de 2015a. Disponível

em <http://www.clicrbs.com.br/pdf/17708988.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Elza Soares transforma dor em canto em seu primeiro álbum de inéditas. Entrevista concedida a Bossuet Alvim. *Portal Uai E+*. Publicada em 13 de outubro de 2015b. Disponível em <https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2015/10/13/noticias-musica,172888/elza-soares-transforma-dor-em-canto-em-seu-primeiro-album-de-ineditas.shtml>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. *A mulher do fim do mundo*. Rio de Janeiro. 2015c. Disponível em <http://www.naturamusical.com.br/ouca-mulher-do-fim-do-mundo-novo-disco-da-elza-soares>

_____. A mulher do fim do mundo: entrevista com Elza Soares. Entrevista concedida a Emanuel Diniz. Publicada em 22 de janeiro de 2016. Disponível em <http://www.somsempugs.com.br/elza-soares-apresenta-a-mulher-do-fim-do-mundo-em-natal/> Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Elza Soares lança o videoclipe de “A Mulher do fim do mundo”. Entrevista concedida a Emanuel Diniz. Publicada em 04 de março de 2017a. Disponível em <http://www.somsempugs.com.br/elza-soares-lanca-videoclipe-de-a-mulher-do-fim-do-mundo/>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. A mulher do fim do mundo – Clipe Oficial. Direção: Paula Gaitán. Produção: Juliano Almeida e Fernanda Hiraga. 2017b. (5:02 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s>

_____. Elza Soares: “A minha religião é o respeito”. Entrevista concedida a Pedro Henrique Miranda. *CEERT*. Publicada em 22 de julho de 2019. Disponível em <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/25352/elza-soares-a-minha-religiao-e-o-respeito> Acesso em 20 fev. 2020.

SOLIDADE, Luana Lise Carmo da. *Blues e Samba traduzindo corpos de mulheres negras em performances de Billie Holiday e Elza Soares*. 142f. 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. 2017.

SOUZA, Francielle Neves de. A desconstrução dos mitos sobre a mulher negra: um olhar sobre Elza Soares, Tássia Reis e Mc Soffia. 58f. 2018 Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal de Ouro, 2018.

WERNECK, Jurema Pinto. *O Samba segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática*. 2007. 297 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIDEIRA, Juliana Cintia. *Elza Soares na escola: gênero e relações étnico-raciais na música popular brasileira e no ensino de história*. 171f. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.